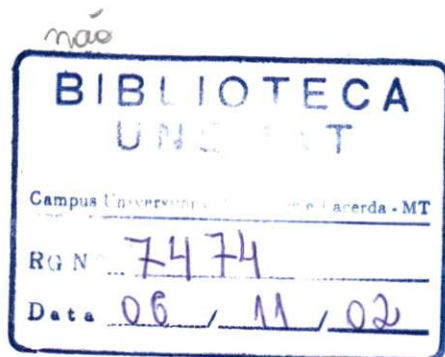


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

G.H. E MACABÉA:
PERSONAGENS DE CLARICE SOB UM ÓTICA EXISTENCIALISTA

KÉSIA REGINA DE CARVALHO MORAES



Pontes e Lacerda, agosto de 2002

82.09
M827-28
Ex 3
C92569528

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

G.H. E MACABÉA:
PERSONGENS DE CLARICE SOB UM ÓTICA EXISTENCIALISTA

Ensaio monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª. Madalena Aparecida Machado

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

Ao Pedro e H lvio Júnior.   Jessé, Eurides,
H lvio e Nininha.

Agradeço aos Professores que fizeram parte de minha vida acadêmica e em especial à Professora Madalena que me orientou neste trabalho com seriedade e dedicação, à Professora Cleunice que foi além de professora uma grande amiga, ao Professor Lima, Professora Mércia e Professora Marlene que tiveram papel fundamental no decorrer do curso. Aos meus amigos que estiveram comigo todo este período, à Eliana e Inês pelos livros e pelo carinho que foram essenciais, à Ana Carolina pelo incentivo de sempre, à Zene, Fátima, Conceição, Daniela e Selma pela companhia em todos os momentos, à Henrique e Maristela pelo interesse e afeto que demonstraram, à Paulinho, Jessé e Cláudia que mesmo longe sei que torceram por mim. Aos meus colegas, especialmente aos que estiveram mais próximos, Léa, Vanderlucé, Remédios, Sidney, Reynan e Paulo Henrique. Ao Ricardo por ter me ajudado com o computador no final do trabalho. Ao Héliú por tudo o que ele tem sido, pelo amor, respeito e paciência que dedicou a mim. Sem tudo isso nada do que fiz seria concretizado.

O melhor o tempo esconde

Longe muito longe

Mais bem dentro aqui

(Trilhos urbanos - Caetano Veloso)

SUMÁRIO

Introdução	07
G.H. e Macabéia: Preliminares	09
A personagem, o ser ficcional	13
Aspectos teóricos	19
G.H. e Macabéia: A busca do ser autêntico	23
Considerações finais	30
Bibliografia	31

INTRODUÇÃO

Dentre as inúmeras possibilidades de abordagem que a obra de Clarice Lispector oferece, aquelas referentes às questões existenciais, são o ponto norteador deste trabalho monográfico. Primeiramente, partiremos de uma compreensão global do enredo das duas obras referenciais para, em seguida efetivar a produção da análise interpretativa.

A Paixão Segundo G.H. é um romance que foi editado pela primeira vez em 1964, cujo enredo revela a trajetória e desenvolvimento do pensamento de uma escultora de classe alta que mora numa cobertura e é identificada apenas pelas iniciais G. H. Tudo começa quando, cansada do seu cotidiano e de sua rotina de vida, decide fazer uma faxina em sua casa e começa pelo quarto da empregada que havia sido despedida. No meio da limpeza, G. H. depara-se com uma barata, inseto pelo qual ela sente um grande nojo. Neste momento começa, então, um processo de reflexão da protagonista em relação às questões humanas. Algum tempo depois ela esmaga a barata na porta do armário e tomada por um instinto de descoberta e sensação de devaneio, ingere a substância branca que sai de dentro do inseto. Então, G. H., conscientemente, define suas sensações em relação aos fatos ocorridos.

O outro romance escolhido para analisarmos a personagem como ponto de comparação, é o último romance de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, que teve apenas uma edição em vida da autora, em 1977.

O livro conta a história de uma nordestina chamada Macabéa, que foi criada na infância por uma tia. Muda-se para o Rio de Janeiro à procura de uma vida melhor, passa a trabalhar como datilógrafa e mora num quartinho pobre perto do cais

do porto, que divide com mais quatro colegas. Macabéa tem um namorado, Olímpico de Jesus, que a troca pela sua melhor amiga e colega de trabalho, Glória, uma carioca. Sua experiência com o mundo é extremamente limitada, seu conhecimento é medíocre, podemos dizer até mesmo que seja nulo. Macabéa é inconsciente de sua existência, incapaz de questionar o porquê dos acontecimentos e de encontrar neles uma resposta. Com o passar do tempo, ela perde o emprego e, influenciada pela amiga, decide procurar uma cartomante que lhe garante todo o sucesso na vida e, inclusive, a opção de decidir entre casar-se com Olímpico, que desejará voltar para ela a toda preço, ou com um estrangeiro que ficará perdidamente apaixonado por ela. Entretanto, quando Macabéa sai da casa da cartomante, feliz com todas as revelações que lhe foram feitas, um carro de luxo a atropela e ela cai na rua, batendo a cabeça na quina da calçada, neste momento Macabéa faz uma reflexão de sua vida até então, depois morre.

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre as características das personagens destas duas obras de Clarice Lispector no tocante à existência. Ao traçar paralelos entre elas, nossa intenção é analisar o trajeto das mesmas relacionando-as à filosofia do existencialismo divulgada pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Além de *Ser e Tempo* (1927), textos filosóficos de Marilena Chauí e Maria Lúcia Arruda sustentarão teoricamente esta monografia. Anteriormente a isto, destacaremos o pensamento de alguns críticos e estudiosos da obra de Clarice sobre as características da personagem de ficção da autora, tais como Antonio Candido, Assis Brasil, Nadia Gotlib, Beth Brait, Regina Pontieri, entre outros.

G.H. E MACABÉA: PRELIMINARES

Há na personagem G.H., o predomínio de uma confusão de idéias, de uma necessidade em definir seus sentimentos mediante o reconhecimento de suas fraquezas, no momento em que se depara com um fato novo: o confronto, dentro de sua própria casa, com um mundo que lhe é estranho, simbolizado pelo sentimento de surpresa que ela experimenta ao adentrar-se no quarto de Janair, a empregada recém-demitida:

“Mas ao abrir a porta meus olhos se franziram em reverberação e desagrado físico.

É que em vez da penumbra confusa que esperara, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz; meus olhos se protegeram franzindo-se.

Há cerca de seis meses — o tempo que aquela empregada ficara comigo — eu não entrava ali, e meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo.

Esperar encontrar escuridões, preparara-me para ter que abrir escancaradamente a janela e limpar com fresco o escuro mofado. Não contara é que aquela empregada, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira.”
(LISPECTOR: 1998, p. 37)

Para além das questões sócio-culturais e econômicas, há algo maior que a abala profundamente: a questão existencial, que se sobrepõe na descoberta de G.H., representada pelo choque que a personagem tem quando percebe ser diferente a idéia

até então formada sobre o mundo de Janair daquele que agora se mostrava a seus olhos.

“A surpresa me tomava de leve, só agora estou sabendo que era uma surpresa o que me tomava: é que nos olhos sorridentes havia um silêncio como só vi em lagos, e como só ouvi no silêncio mesmo. Nunca, então, havia eu de pensar que um dia iria de encontro a esse silêncio.” (LISPECTOR: 1998, p. 25-26)

Deste momento em diante, G.H passa a viver em um estado de solidão e nesse processo procura sua própria identidade, numa constante busca pelo que não se encontra facilmente, ou seja, a verdade de si mesma, cuja metáfora é o inusitado confronto de G.H. com uma barata, que surge através de um armário. G.H., assustada, não esperava que em seu apartamento pudesse existir uma barata, pelo fato de crer que seu apartamento fosse limpo, fica imóvel com a presença do inseto, pensa nas atitudes que poderia ter naquele momento, mas não age. E depois de pensar numa série de coisas relacionadas ao seu cotidiano, como por exemplo, no amante, seus ex-amores e Janair, G.H. come a massa branca que sai do inseto.

Provar a barata era experimentar a verdade, a perigosa e desconhecida verdade, da qual ela sempre tivera medo. “Eu que pensara que a maior prova de transmutação de mim em mim mesma seria botar na boca a massa branca da barata. E que assim me aproximaria do ... divino? Do que é real?” (LISPECTOR: 1998, p. 177). Experimentar a barata é dar um passo atrás como ser humano, ao mesmo tempo é experimentar a essência da vida para se descobrir. No livro *Flores da Escrivanhinha* (1998), Leyla Perrone- Moisés, escreve sobre a verdade ligada à concepção da psicanálise afirmando que: “A verdade é experimentada porém não definível: não

temos nenhuma noção do que é a verdade, e é nisto que o inconsciente consiste. Ela é o inconsciente, o próprio real.” (PERRONE – MOISÉS: 1998, p. 175).

Em um momento depois, Leyla Perrone escreve especificamente sobre a verdade nas personagens de Clarice: “As personagens de Clarice vêm um bocado de verdade. Como todos os grandes escritores, Clarice não tem um conhecimento da verdade, mas um saber, isso sim, até não saber o que dele fazer, de encher os armários.” (PERRONE – MOISÉS, 1998, p. 175).

G.H. evidencia sua “verdade” da seguinte forma:

“Eu estava sendo seduzida. E ia para essa loucura promissora. Mas meu medo não era o de quem estivesse indo para a loucura, e sim para uma verdade _ meu medo era o de ter uma verdade que eu viesse a não querer, uma verdade infamante que me fizesse rastejar e ser do nível da barata. Meus primeiros contatos com as verdades sempre me difamaram.” (LISPECTOR: 1998, p. 60)

Em *A Hora da Estrela*, o narrador refere-se à “verdade” de Macabéa, contrária, no entanto da “verdade” de G.H. “A verdade é sempre um contato interior inexplicável. Portanto não existe? Não, para os homens não existe.” (LISPECTOR, 1998, p. 80).

Como vimos, as verdades das personagens se diferenciam. Neste caso talvez possamos inferir que a verdade seja algo distinto para cada ser humano. Na obra de Clarice, mais importante é perceber que, talvez, o interessante em relação à verdade não seja propriamente encontrá-la, mas sim estar no processo da busca. Esta é uma característica recorrente à literatura pós-moderna, ou seja, o respeito às verdades individuais. Podemos afirmar isso com base no livro de Assis Brasil *Clarice*

Lispector – Ensaios (1969), quando o autor reflete sobre a verdade citando o filósofo alemão Soren Kirkgaard: “O que importa é encontrar uma verdade que seja verdade para mim, encontrar a idéia pela qual possa viver e morrer.” (BRASIL: 1969, p. 85)

A PERSONAGEM, O SER FICCIONAL.

Na pesquisa pela caracterização das personagens de Clarice Lispector, procuramos analisar alguns conceitos básicos de Antonio Candido sobre personagem. O crítico afirma que o conhecimento que temos de uma pessoa real é fragmentário, no entanto, as partes se solidificam numa compreensão ampla que podemos obter do ser fictício, então ele coloca a possibilidade de adquirirmos uma noção maior do "homo fictus" (FOSTER), comparando-o ao ser vivo, relacionando a semelhança que existe entre eles:

"Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base no juízo sobre o outro ser; permite, mesmo, uma noção conjunta e coerente deste ser, mas essa noção é oscilante, aproximativa, descontínua. Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados." (CANDIDO: 1995, p. 56)

G. H. e Macabéa são assim, a primeira quando come a barata e a outra quando morre e pode então refletir sobre sua vida. Este é o momento da epifania, momento da revelação, da descoberta de si mesma. Ambas nos surpreendem, não existe, na narrativa, momento anterior aos fatos acima mencionados em que fique clara a possibilidade de eles ocorrerem, o que destoa em relação ao comportamento das personagens. Tomando como exemplo G.H., desde o início da narrativa nos

habitua-mos à imagem de uma escultora tranqüila e sensata, mas que revela todo seu interior conturbado em dado momento, o que contraria toda a expectativa que dela havíamos feito.

Antonio Candido discorre ainda sobre a personagem de ficção em relação ao leitor, que é “como se outra pessoa entrasse nelas e invadisse inesperadamente sua área de essência e de existência.” (CANDIDO: 1995, p. 56). Ele afirma que as informações obtidas da personagem são o suficiente para que conheçamos a mesma e tenhamos uma idéia completa de sua vida, sendo o escritor responsável pelo seu modo de ser, a personagem se torna mais lógica e revela mais do seu interior que o próprio ser vivo.

Sobre o romance moderno, Antonio Candido define as personagens de dois modos principais, entretanto, caracterizamos as personagens de Clarice na segunda perspectiva, “como seres complicados, que se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério” (CANDIDO: 1995, p. 60). Como são Macabéa e G.H., quando o leitor tenta entender a falta de questionamentos da primeira e fica desorientado pelas reflexões incessantes da segunda. Mais à frente, Candido discute as definições de personagem de costume e natureza, baseado no estudo de Johnson no século XVIII. Podemos caracterizar G.H e Macabéa como personagens de natureza, nas quais Candido coloca a necessidade de “mergulhar nos recessos do coração humano”.

“As personagens de natureza são apresentadas além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente

analítica, não pitoresca.”
(CANDIDO: 1995, p. 62)

G.H. e Macabéa são personagens que se caracterizam pelo seu modo íntimo de ser, aliás, as duas personagens se destacam por estarem voltadas para si mesmas. G.H., em sua completa solidão, define o que ela é: “também para minha vida interior eu adotara sem sentir a minha reputação: eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros vêem.” (LISPECTOR: 1998, p. 26). E Macabéa, que tem sua vida relatada por seu narrador, Rodrigo S.M., também se diferencia das outras personagens pelo seu modo íntimo de ser: “A única coisa que queria era viver. Não sabia pra que, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então ela era.” (LISPECTOR: 1998, 27). Mas será que realmente vivia? Não questionava e era feliz?

Em seguida, Antonio Candido analisa as definições do romancista e crítico inglês Edward Forster em seu livro *Aspecto do romance*, mais voltadas para os nossos dias quando faz distinção entre “personagens planas” e “personagens esféricas”. Identificamos as personagens desse estudo como “esféricas”, porque, na verdade, o que G.H. e Macabéa fazem ou pensam nos surpreende. A vida e o modo de ser dessas personagens são bastante complexos, ou seja, são personagens que são indefinidas, ou exigem uma definição na obra o tempo todo. A cada momento tem-se uma informação sobre o que elas sejam, ou como interpretam a vida.

“As personagens esféricas não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência

capazes de nos surpreender.”
(CANDIDO: 1995, p. 63)

As personagens de Clarice nos surpreendem justamente porque exigem, a todo instante, nossa participação no sentido de interpretá-las, de viver a experiência delas.

Vejamos, então, um dos momentos em que o narrador de *A Hora da Estrela* descreve as características da sua personagem referindo-se ao que ela gostava: “Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais. Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. Não sabia que ela própria era uma suicida, embora nunca tivesse ocorrido se matar” (LISPECTOR: 1998, p. 58). *A paixão segundo G.H.*, podemos citar uma das passagens, quando ela própria se define:

“Não quero. Mas não posso me impedir de me sentir toda ampliada dentro de mim pela pobreza do opaco e do neutro: a coisa é viva como ervas. E se isso é o inferno, é o próprio paraíso: a escolha é minha. Eu é que serei demoníaca ou anjo; se eu for demoníaca, este é o inferno; se eu for anjo, este é o paraíso.”
(LISPECTOR: 1998, p. 139)

Por meio das definições de personagem que Antonio Candido faz, identificamos os seres de ficção de Clarice na demonstração sobre seu papel nos romances, sugerindo que “uma personagem deve ser convencionalizada, ou seja, deve de algum modo fazer parte do molde, constituir o lineamento do livro.” (p. 75) Também “a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista.” (CANDIDO: 1995, p. 74).

Consideremos também para este estudo, a abordagem de Beth Brait em seu livro *A Personagem* (1998) sobre este ser ficcional e seu espaço de existência que é o

texto; a concepção da autora em relação a este ser gira em torno das diferenças entre pessoa (um ser da vida real) e personagem, esta tem personalidade como pessoa, mesmo sem existência fora das palavras, segundo a modalidade da própria ficção. Beth Brait afirma ainda que só teremos alguma noção a respeito da personagem se observarmos a construção do texto. No desenrolar do estudo, a autora reflete sobre a visão aristotélica sobre o tema, ou seja, “a personagem como reflexo de pessoa humana”, depois aborda definições de personagens no século XVIII e XIX, quando o caráter psicológico e social refletidos da maneira de ser do escritor, assim, a personagem continua a ser estudada partindo do ser humano.

Finalmente Beth Brait destaca definições de personagens no século XX, época em que Clarice Lispector escreve suas obras. Neste momento, Brait assim como Antonio Candido, faz menção à caracterização das personagens tendo por base na obra *Aspectos do Romance*, de Edward M. Forster, que define os seres ficcionais como “planas” ou “redondas”. Desta forma, mais uma vez identificamos G.H. e Macabéa como “redondas”, que seriam as mesmas “esféricas”: “aquelas definidas por sua complexidade apresentando várias qualidades ou tendências, e surpreendendo convincentemente o leitor.” (BRAIT: 1998, p. 41)

Em se tratando de personagens, podemos ainda citar aqui as definições da autora Nádía Battella Gotlib, que faz um estudo específico sobre toda a vida e obra de Clarice Lispector no livro *Clarice – Uma Vida Que Se Conta* (1995). Nádía as define primeiramente como seres em constante busca da identidade, principalmente G.H. e Macabéa que têm um conflito: a sua própria ordem existencial, e caminham ao encontro da consciência cindida que pretende se libertar dos conflitos.

“A identificação libertadora, ou esta espécie de via-crúcis, faz-se com passos bem marcados – os passos da cruz? – ou em estágios que se

desenvolvem em progressão, da densidade e tensão até um clímax, seguido de uma descensão.” (GOTLIB: 1995, p. 361)

Em se tratando de GH, sua "paixão", refere-se ao processo de auto-conhecimento, que implica dor, sofrimento e renúncia.

Nádia não deixa de mencionar sobre o dilema que acompanha as personagens de Clarice quando se refere à solidão como um caminho para descobrir-se: “o isolamento explicita-se com função iniciática de aproximação, reintegrando-se não pela razão, mas pela difícil experimentação do ser.” (GOTLIB: , 362) Em G.H., ao comer a barata. Em Macabéa, ao experimentar a morte para saber mais da vida.

Enfim, Nádia Gotlib, assim como os críticos citados anteriormente, sustentam em seus estudos, comentários e definições sobre as personagens. Nosso ensaio monográfico utiliza-se de suas reflexões para compreendermos G.H. e Macabéa como "seres intencionais", como aponta Anatol Rosenfeld, em busca de si mesmos.

ASPECTOS TEÓRICOS

Para fazermos uma análise crítica das personagens nas obras *A Paixão Segundo G.H.* e *A Hora da Estrela*, optamos como caminho interpretativo, a teoria do existencialismo tal como encontra-se delineada nos escritos de Martin Heidegger, filósofo alemão, autor da obra *Ser e Tempo* (1927), seu maior e mais conhecido trabalho, embora inacabado.

Heidegger, discípulo de Edmund Husserl (1859-1938), primeiro filósofo a desenvolver as idéias do existencialismo, em *Ser e Tempo*, parte da análise do ser do homem usando o método da fenomenologia que

“tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de sua reflexão o próprio homem, num esforço de encontrar o que realmente é dado na experiência e descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta. Neste sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência.” (ARANHA: 1992, p. 325).

A fenomenologia se distingue pela procura e identificação da essência. “A essência é a significação ou o sentido de um ser, suas idéias”. (CHAUÍ: 1997, p. 232). Por isso, constatamos que a fenomenologia seja a base do estudo da existência, que tem como alvo a descoberta do ser do homem, sendo “o método e a filosofia que fornecem os conceitos básicos para a reflexão existencialista” (CHAUÍ: 1997, p. 324).

A questão existencialista, com base na filosofia de Heidegger, visualiza o homem em um processo de auto-descoberta, ou seja, à procura de definições sobre si mesmo, voltando-se, desta forma, para o pensamento que será o caminho para o encontro com os sentidos e suas definições. “(...) Pensar é o modo de ser do homem, no sentido da dinâmica de articulação de sua existência. Pensando o homem é ele mesmo, sendo outro.” (HEIDEGGER: 2001, p. 15). Os sentidos levam o homem a conhecer-se e, de algum modo, pode-se dizer que é devido à determinação dos sentidos que o homem pensa e busca a descoberta:

“Uma paixão mais originária que toda semântica ou qualquer sintaxe, a paixão do sentido, toma posse do ser e nos faz viajar por dentro do próprio movimento de referir, de remeter, de enviar.” (HEIDEGGER: 2001, p. 13)

É questionando o sentido do ser e do seu tempo que Heidegger mantém sua reflexão filosófica, afirmando que o homem vai descobrir-se pelo pensamento:

“Provocados a pensar por um pensamento que também é nosso, por ser de todos, que tem algo a nos dizer de nós mesmos, somos enviados à viagem de retraimento de um horizonte que, longe de nos repelir, nos atrai e arrasta. De texto, uma escritura, a leitura se torna viagem do sentido de ser e não ser no tempo.” (HEIDEGGER: 2001, p. 18)

É neste momento que encontramos o primeiro ponto de partida para a compreensão da teoria existencialista: o homem retraindo-se para si, chega ao estado de angústia. Heidegger faz primeiramente a análise do homem enquanto um ser inautêntico, que é antes de introduzir-se no processo de descoberta do ser.

Posteriormente, o filósofo se refere à autenticidade do homem, tomando-se por base sua reflexão do ser, e toda esta reação está totalmente ligada ao estado de angústia, ou seja, o homem, para refletir sobre sua existência e tornar-se um ser autêntico, deve necessariamente estar num estado de angústia. Nas páginas dedicadas às considerações sobre a vida e a obra de Heidegger, na coleção *Os Pensadores*, sobre a consultoria de Marilena Chauí, encontramos:

“A análise da existência inautêntica – realizada na primeira seção de *Ser e Tempo* – constitui a parte negativa da escala para a descoberta heideggeriana do ser. Para encaminhar-se na direção do ser seria necessário desvendar a existência autêntica do homem, aquela que faz o verdadeiro revelador do ser. Esse é o objetivo da segunda seção da obra, que tem seu núcleo no conceito de angústia.” (CHAUÍ: 1997, p. 8)

Valendo-se deste estado de angústia, o homem estará apto para analisar sua existência, considerando todos os fatores que o cercam. Neste momento, ele estará capacitado a atribuir um sentido ao ser:

“A angústia – segundo Heidegger – é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana. A angústia faria o homem elevar-se da traição cometidas contra si mesmo, quando ele se deixa dominar pelas mesquinhas do dia-a-dia, até o auto-conhecimento em sua dimensão mais profunda.” (CHAUÍ: 1997, p. 8)

Marilena Chauí em seu livro, *Filosofando* (1997), escreve sobre o Existencialismo, mencionando a angústia como a tensão entre o que o homem é e o que ele será, passando a ser dele próprio a opção entre ser autêntico ou inautêntico:

“A angústia retira o homem do cotidiano e o reconduz ao encontro de si mesmo. A angústia surge da tensão entre o que é e aquilo que virá a ser, como dono do seu próprio destino. Do sentido que o homem imprime à sua ação, decorrerá a autenticidade ou a inautenticidade de sua vida.” (CHAUÍ: 1997, p. 325-6).

Toda a seqüência deste processo de auto-conhecimento está ligada à solidão do homem. Ele precisa estar só para que tenha a possibilidade de pensar na sua rotina, na sua vida prática, cuja vontade de negação vai levá-lo aos questionamentos sobre a existência humana e, conseqüentemente, a definir e tentar resolver suas questões mais íntimas. “O caminho que leva ao ser – pensa Heidegger – passa pelo homem, na medida em que este está sozinho para interrogar-se sobre si mesmo, colocar-se em questão e refletir sobre o seu próprio ser.” (CHAUÍ: 1997, p. 7)

O homem autêntico heideggeriano, afinal, visto pela ótica de Marilena Chauí, “é aquele que se projeta no tempo sempre em direção ao futuro” (CHAUÍ: 1997, p. 326). Portanto, é o homem que tem como objeto de reflexão a si mesmo, em busca da conquista de sua identidade. “Pensar o sentido do ser é escutar a realidade nos vórtices das realizações, deixando-se dizer para si mesmo o que é digno de ser pensado como outro.” (HEIDEGGER: 2001, p. 15).

G.H. E MACABÉA: A BUSCA DO SER AUTÊNTICO

As considerações sobre o Existencialismo heideggeriano elaboradas anteriormente fornecem-nos uma chave de leitura para a análise das personagens de Clarice Lispector, da seguinte forma: poderíamos pensar em G.H. como um exemplo da noção de homem inautêntico heideggeriano, pois a todo momento, no início da obra, G.H. encontra-se perdida em relação a si mesma: “Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser.” (LISPECTOR: 1998, p. 11). Mais adiante reafirma esta condição: “Fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana.” (LISPECTOR: 1998, p. 14). A uma certa altura, depois de ter procurado de todas as maneiras encontrar respostas para questões que a afligiam, G. H. percebe o que lhe acontecera e passa ter noção de que já está inserida num processo de angústia, fazendo-a procurar a descoberta interior:

“Ontem de manhã – quando saí da sala para o quarto da empregada – nada me fazia supor que eu estava a um passo da descoberta de um império. A um passo de mim. Minha luta mais primária pela vida ia-se abrir com a tranqüila ferocidade devoradora dos animais do deserto.” (LISPECTOR: 1998, p. 23).

Neste momento ela passa a avaliar-se, olhar para o seu interior e distinguir-se enquanto ser humano: “Eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente.” (LISPECTOR: 1998, p. 31). E ainda, “desde já calculo que aquilo de que mais duro

minha vaidade terá de enfrentar será o julgamento de mim mesma: terei toda a aparência de quem falhou, e só eu saberei se foi a falha necessária.” (LISPECTOR: 1998, p. 32). Este é o retrato do ser dominado e construído pelo cotidiano.

Em tal estado de solidão e angústia, G.H. busca a explicação de sua existência e, à medida que isso acontece, ela passa a ser um ser autêntico: vai à procura de sua identidade e a encontra na relação que estabelece com a barata, que simboliza este encontro com a autenticidade: “Era isso – era isso então. É que eu olhava a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas.” (LISPECTOR: 1964, 57).

Nádia Gotlib traça um paralelo entre as personagens mulher e barata, destacando ainda mais a homologia entre ambas e, num certo sentido, o papel que compartilham na civilização:

“G.H. é a personagem mulher: “quero encontrar em mim a mulher de todas as mulheres.” A outra, a barata, é uma barata entre baratas. Há 350 milhões de anos povoando os porões das nossas construções. A mulher e a barata, essas duas espécies arcaicas, refletem-se mutuamente naquilo que têm de jóia rara, ornamentos luxuosos nesta civilização do inútil.” (GOTLIB:1995, p. 360).

É o elo de ligação entre G.H. e a barata que transformará G.H. num ser autêntico, pois ela enxerga na barata tudo o que se refere a ela enquanto pessoa. É exatamente por meio do inseto que G.H. consegue encontrar-se e definir o ser que ela representa, ou melhor, o que verdadeiramente é: “abria-se em mim, com uma lentidão de portas de pedras, abria-se em mim a larga vida do silêncio, a mesma que estava no sol parado, a mesma que estava na barata imobilizada. E que seria a mesma

em mim” (G.H., 58). O fato de a personagem comer a barata simboliza a descoberta da essência da vida.

O mesmo percurso que tomamos acima pode ser feito em relação ao narrador participante de *A Hora da Estrela*, enquanto interfere no enredo da obra, falando em primeira pessoa, enquanto escreve um livro. Assim, é necessário ter sempre em mente que Macabéa é personagem de uma personagem e sua história, um livro dentro de um livro. Esta premissa é de grande importância no âmbito deste estudo: reforça o caráter de dependência, de um ser passível de manipulação por parte de quem está narrando. Rodrigo S.M. também é bastante consciente de tal fato: “Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita.” (LISPECTOR: 1998, p. 12).

Rodrigo S.M, assim como G.H., é um intelectual que está em busca de seu auto-conhecimento. Narra o livro, escrevendo sua história, sempre questionando e deparando-se com o desconhecido que está nele próprio: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever.” (LISPECTOR: 1998, p. 11). Algumas páginas adiante, reafirma: “Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino.” (LISPECTOR: 1998, p. 15).

É justamente em Macabéa, personagem do seu livro, que Rodrigo S.M. procura intensamente por respostas que satisfaçam suas dúvidas em relação ao ser. É por meio de Macabéa que Rodrigo questiona o tempo todo a existência, o que nos leva a interpretá-la como o subterfúgio que representa, para seu narrador, o encontro com a autenticidade. “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou meu grito de horror à vida.” (LISPECTOR: 1998, p. 33). O narrador expressa com convicção que Macabéa não tinha consciência de si e,

segundo ele, “encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então desconhecia.” (LISPECTOR: 1998, p. 42). Porém, sabemos que ele a conhecia e fala por ela, como se Macabéa tivesse a necessidade de encontrar-se consigo mesma. No entanto, percebemos que a necessidade deste encontro é totalmente do narrador, pois a personagem encontrando-se, seria o mesmo que ele encontrar-se: “É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro.” (LISPECTOR: 1998, p. 34).

G.H. e Rodrigo S.M., ambos apresentando pontos em comum em relação ao existencialismo heideggeriano, à procura do ser partindo da angústia em direção à autenticidade, têm ainda uma característica semelhante que podemos chamar de “final de sua trajetória” de questionamentos sobre a existência humana. Este é o momento em que conseguem refletir sobre todo o seu percurso e analisar cada passo dado dentro da busca individual por um sentido da existência. É o que acontece com G.H. quando ela come a substância branca e amarelecida que sai de dentro da barata: faz um retrospecto de sua vida e sente as reações de viver aquele momento:

“Como uma transcendência. Transcendência, que é a lembrança do passado ou do presente ou do futuro. A transcendência era em mim o único modo como eu podia alcançar a coisa? Pois mesmo ao ter comido a barata eu fizera por transcender o próprio ato de comê-la. E agora só me restava a vaga lembrança de um horror, só me ficara a idéia.” (LISPECTOR: 1998, p. 166)

Semelhante situação a de Rodrigo S.M., uma vez que Macabéa é atropelada ao sair da casa da cartomante pelo carro do suposto estrangeiro que se apaixonaria por ela. Macabéa cai no chão, bate com a cabeça na calçada e passa a perceber tudo o

que se passa a sua volta. A isto também chamamos epifania, também no sentido de revelação. Neste ponto, Clarice Lispector, mediante uma técnica literária, faz com que a experiência vivida por Macabéa reflita, como uma espécie de espelho, a experiência mais aguda vivida pelo narrador até então. Simbolizando (e compartilhando) este momento de profundo aprendizado do narrador, era como se ela chegasse cada vez mais ao fundo de si e se enxergasse naquele momento de uma maneira totalmente nova, talvez neste momento tenha passado a existir.

“Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher. Intuíra o instante quase dolorido e esfuziante do desmaio do amor. Sim, doloroso reflorescimento tão difícil que ela empregava nele o corpo e a outra coisa que vós chamais e que eu chamo – o quê?”
(LISPECTOR: 1998, p. 84-5)

Estendendo um pouco mais nossa análise, assim como comparamos as personagens G.H. e Rodrigo S.M, parece-nos pertinente comparar Macabéa e a barata. Percebemos que os papéis que elas desempenham são um tanto parecidos. Como já foi dito anteriormente, é como se elas guiassem as outras personagens no caminho ao fim do qual irão encontrar um maior conhecimento de si. A barata era, para G.H., como um ser humano que agia e pensava como tal. G.H. a reconhecia como um semelhante, como, por exemplo, quando afirma: “Olhei-a, à barata: eu a odiava tanto que passava para seu lado, solidária com ela, pois não suportaria ficar sozinha com minha agressão” (LISPECTOR: 1998, p. 58). Podemos nos referir a isto como a antropomorfização da barata, ou seja, o processo que dota o animal de características humanas. G.H. percebe no olhar da barata a expressão de quem parece

ansiar por transmitir algo: “A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado, brilhante e neutro. E agora eu começava a deixá-la me tocar” (LISPECTOR: 1998, p. 88). Em outro momento volta a mencionar: “Ali estava eu boquiaberta e ofendida e recuada – diante do ser empoeirado que me olhava. Toma o que eu vi: pois o que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantoso e tão inocente, o que eu via era a vida me olhando” (LISPECTOR: 1998, p. 57). Por fim, o momento mais carregado de analogias entre a barata e a forma humana se dá quando G.H. a compara a uma mulher: “Olhei-a, com aquela sua boca e seus olhos: parecia uma mulata à morte. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva” (LISPECTOR: 1998, p. 56). Esta expressão, “olhos de noiva”, sintetiza a idéia de que G.H. estaria prestes a inaugurar uma vida nova.

De forma inversa da idéia de antropomorfização da barata em *G.H.*, se procurarmos definir atentamente os contornos de Macabéa, veremos que ocorre um recurso constante de imputar-lhe caracteres um tanto animalizados, o que está presente no fato, além de tantos outros, de ela própria não se dar conta de que é um ser humano. Segundo Nádia Gotlib, Macabéa vive entre pensamentos estranhos e banais como, por exemplo: “você sabe se a gente pode comprar um buraco?” Macabéa não tinha consciência alguma de sua existência: “Estava habituada a se esquecer de si mesma. Nunca quebrara seus hábitos, tinha medo de inventar” (LISPECTOR: 1998, p. 49). Assim como um animal, Macabéa não agia diferentemente em nenhum momento, estava habituada a viver condicionada sempre aos mesmos hábitos. Seu narrador afirma que Macabéa não sabia o que era felicidade, mas pensava que era feliz: “E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz” (LISPECTOR: 1998, p. 69). Esta idéia de coisificação, ou se preferirmos, animalização da personagem de *A Hora da Estrela*, é confirmada pelo próprio narrador quando afirma: “Essa moça não sabia

que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (LISPECTOR: 1998, p. 27).

Macabéa de nada sabia, apenas que queria viver e, se indagava alguma coisa, não era por ela e, sim, pelo narrador Rodrigo que, por meio de Macabéa, tenta realizar seu encontro consigo mesmo. Da mesma maneira G.H. traça todo um trajeto em busca de sua identidade, guiada pela barata que ela mesma transfere do plano animal para o humano. Mesmo que exista esta troca de lugares, nas figuras do humano animalizado e do animal antropomorfizado, estas diferenças passam a ser superficiais, pois o papel que desempenham é o mesmo: acompanhar um processo muito específico das personagens que com eles se relacionam, levando-as a uma visão mais profunda do ser, portanto, existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura crítica das obras *A paixão segundo G.H.* e *A hora da estrela* de Clarice Lispector, com a sustentação teórica da filosofia heideggeriana, observamos que as protagonistas deste romances, G.H. e Macabéa, atendem aos pressupostos empregados pelo existencialismo.

Constatamos, então, a relação destas personagens com o processo de estar em busca do ser autêntico, visando conhecer-se e encontrar-se consigo mesma, na medida em que haja a ruptura com o seu cotidiano, voltando-se ao seu interior e as questões existenciais, nas quais estão inseridas. Podemos afirmar que este processo ocorre com as personagens analisadas, cada qual com seu complemento: G.H. e a barata, Rodrigo S. M. e Macabéa, com suas dúvidas, passividades, conceitos ou preconceitos, pudemos constatar por meio do comportamento e do desenvolvimento do pensamento destas personagens, as características que nos levaram a entendê-las como seres em constante busca individual, por isso mais próximo do ser humano em geral, na sua complexidade, na sua maneira de entender e/ou expressar a vida, fazendo-a, ao mesmo tempo em que se faz no processo.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL, Assis. *Clarice Lispector ensaio*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

HEIDEGGER, Martin. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. *Ser e tempo*. Parte I. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.